

“Q”

Grupo Corpo Composto

O grupo de teatro Corpo Composto, de Goiânia, levou ao palco do Teatro Francisco Nunes o espetáculo “Q”, que retrata a história de uma adolescente de 16 anos, Kil, com suas dores e alegrias de ser quem é: uma jovem em busca de liberdade, de apaziguamento de dúvidas, medos, angústias, em busca de sonhos, amor e cheia de imaginação. Mas o grupo vai além, coloca em cena, aprofunda, uma questão muito cara hoje para se pensar essa fase da vida, paradoxalmente, tão cheia de altos e baixos, tão transbordante de vida quanto de tristezas profundas que podem levar à solidão, à depressão, a saltos e desconexão que não tem mais volta.

Sete atores com bastante domínio de cena- inteligência no jogo com o outro, imitação de voz, pausa e silêncios bem marcados- teceram de maneira não cronológica a história de Kil, muito parecida com as histórias de muitos adolescentes. A urgência em contar tal história aparece como um grito de alerta para dizer que toda história tem importância, toda história merece ser contada, que é fundamental, principalmente nesse período da vida, a liberdade de dizer e ser escutado porque as falas escondem desejos, angustias, querereres e intenções.

A história de Kil é cíclica, começo, meio e fim, assim, nessa ordem, não é importante. O público entra nessa aventura a partir dos áudios de Kil gravados em um celular. Assim os sete atores, pouco a pouco, vão revelando fragmentos da história e chamam o público para fazer parte dela. Aí, o palco é inundado de imaginação. Os objetos de cena – muitos jornais, algumas caixas de papelão e um plástico gigante- conduzem o público para um mar de possibilidade e criação junto com os atores.

“Se você não é capaz de fazer uma mudança na sua vida para avançar, o melhor é...” os atores convocam a plateia a completar essa frase em meio a uma infinidade de palavras soltas no palco. Mar de palavras, mar de mar, som de mar... tudo é feito com imaginação e ludicidade, o que faz com que o público seja mar também e se veja representado em cena.



Imaginação é a palavra de ordem nesse espetáculo, que leva a plateia para várias dimensões da existência de uma adolescente. Com jornais, caixas de papelão e um plástico os atores criam ambientes para representar, metaforicamente, o turbilhão de sensações de Kil: o último suspiro, o corte do cordão umbilical, o ponto final de uma carta de desamor. Nesse ponto da peça, a iluminação fica turva: vermelho, preto e azul representam o quão turvo também é o mundo da protagonista, que quer sentir o vento batendo no rosto, quer se expressar, saltar para outros mundos e possibilidades. Aqui, os sete atores, nitidamente, chamam para uma reflexão sobre o suicídio na adolescência, tão pouco discutido dentro do contexto escolar e familiar, mas tão necessário de ser pautado nesses ambientes. Eles pautam, através da arte e do compartilhamento do sensível que o teatro é capaz de oferecer! É preciso falar das realidades com imaginação!

Ah, a imaginação nos salva! Saltar para outros mundos e outras possibilidades de existir e reelaborar as paixões pela vida, curiosidade pela morte, dançar e cantar em várias línguas, ser, sentir e se despir de pensamentos tóxicos.

Quem é Kil? Quando? Como? Acho que Kil é todos nós, repletos de dúvidas, paixões, porquê(s), vontade de voar, ser sem amarras e imaginar mundos mais coloridos para sermos capazes de fazer mudanças em nossas vidas e avançar sempre.

Soraya Martins